

Discurso de Posse
Diretor da Fafich, 17/12/2019

Bruno Pinheiro Wanderley Reis

Senhora Reitora da Universidade Federal de Minas Gerais,
professora Sandra Regina Goulart Almeida,

Senhor Vice-Reitor da UFMG, professor Alessandro Fernandes Moreira,

Senhora Vice-Diretora da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG,
professora Thais Porlan de Oliveira,

Senhor Secretário Geral da Fafich, José Maria Campos Lima,
em cuja pessoa saúdo a todos os colegas e demais autoridades presentes.

Senhoras e Senhores,

Dizem que a realização pessoal nesta vida requer de nós gerar um filho (ou uma filha, presumo), escrever um livro e plantar uma árvore. Eu preciso admitir de saída que não saberia nem por onde começar a plantar uma árvore. Quanto ao livro, bem... Espalhei alguns textos por aí, escrevi uma tese já há mais de vinte anos... Se ela vai ou não um dia virar livro, vai depender da boa vontade e da generosidade de algum amigo. Permito-me a esperança de compensar essas faltas no terceiro quesito: junto a minha esposa, Fatinha, atravessamos as últimas décadas gerando e convivendo com a Laura, com o

André, constituindo nossa turmita, as pessoinhas lá de casa, de que eu tanto me orgulho.

Mas filhos não são nossos, são para o mundo. Filhos, livros, árvores, isso é para a posteridade, um legado que modestamente poderemos deixar ao mundo quando não estivermos mais presentes. Enquanto estamos aqui, porém, o problema que nos confronta é conferir sentido ao dia a dia.

E para levantar todo dia sem desesperar do sentido das coisas, é preciso *servir a uma causa*.

Sem isso, sem o sentido de propósito e de missão conferido à vida por uma causa a que escolhermos servir, mesmo as boas realizações parecerão fúteis tão logo alcançadas, e a perspectiva do vazio continuará a oprimir mesmo o mais bem-sucedido dos profissionais. Só mesmo o ato de *servir a algo* pode integrar de maneira mais plena a dimensão sacrificial da vida, implicada por nossa finitude.

Na infindável miríade de causas que podem orientar nossas vidas, poucas serão tão altas, tão generosas quanto a causa universitária, apoiada na fé socrática quanto ao conhecimento da própria ignorância, quanto à autoridade – sempre provisória – do melhor argumento, quanto à fecundidade da dialética voltada para o esclarecimento mútuo, quanto ao valor intrínseco da reflexão e do autoconhecimento.

E, dentro dela, me atrevo a acreditar, nenhuma será tão multifacetada e desafiadora, tão umbilicalmente ligada ao sentido mais amplo da causa que nos abriga a todos quanto a causa de uma faculdade de Filosofia e

Humanidades, que abrigue a disparidade de objetos contemplados sob o manto de disciplinas como Antropologia, Arqueologia, Ciência Política, Comunicação Social, Filosofia, História, Psicologia e Sociologia. Para um acadêmico humanista a que foi dado viver neste canto do mundo, a Fafich é uma causa magnífica.

Não sei se cheguei a escolher minha causa. De fato acho que não, tenho antes a sensação de que fui por ela escolhido desde muito cedo – e sou muito grato por esse privilégio. Talvez desde a infância, quando eu vinha com meu pai ao prédio da Reitoria ver o jacaré que habitava o laguinho. Ou quando eu ouvia Caetano Veloso cantar “mora na Filosofia” e pensava que devia ser uma música sobre alguém que morasse no prédio da Carangola.

Pensar na adesão a uma causa nos evoca fatalmente, pelo menos a nós cientistas sociais, a advertência de Max Weber, de que a vocação da política requer paixão e perspectiva. Paixão cotidiana e perspectiva orientada para gerações futuras, sequer nascidas.

O devido senso de perspectiva, sim, é indispensável: ocasionalmente tudo parecerá retroceder, sob o peso de processos que radicam-se muito além de nossas forças. Mas é sobretudo nessas horas que a importância da causa se mostrará em seu pleno alcance, semeando a luz do futuro em meio à penumbra.

Contudo, a analogia com a atividade política não deve nos levar longe demais. A disputa política é precipuamente *choque de vontades* legitimamente distintas, que força seus representantes a uma disputa embrutecida. Se tudo der muito certo, em determinados contextos favoráveis essa disputa será

travada dentro dos limites pacíficos da persuasão e da barganha pública – mas mesmo então deveremos nos manter cientes de que a violência própria dos conflitos sociais permanecerá como possibilidade latente, subjacente ao sistema de convivência institucionalmente erigido.

Não entre nós. Aqui não há outra vontade legítima que não seja a busca desinteressada da verdade, reforçada ainda mais pela abdicação de toda certeza. Somos humanos, claro. Continuamos também aqui portadores de vontades e apetites. Mas, ao contrário do que ocorre (e deve ocorrer) na política, na universidade nossos desejos não têm legitimidade intrínseca enquanto não se vincularem de forma explícita e se subordinarem formalmente aos objetivos permanentes da causa universitária.

O dirigente de uma instituição pública de ensino superior não pode ser um chefe de facção, não é o detentor de poder apoiado numa plataforma, mesmo majoritária; mas o servidor público responsável pelo exercício de uma função, administrativamente encarregado da viabilização de todos os projetos e iniciativas legitimamente vinculados à missão da instituição.

Tão acostumados a emitir opinião confiante sobre qualquer assunto, no exercício da direção de uma unidade como a Fafich nós acadêmicos somos chamados a nos desapegarmos do *mérito* das questões para zelarmos pelo *procedimento* adotado em cada decisão. Não admira que pareça tão difícil.

Assim, de maneira mais saliente que a *paixão* requerida à vocação política, a vocação universitária demanda antes o *amor* à causa - que é temperado por um comedimento, uma autocontenção metódica, um desprendimento de si que evoca o *amor como dever*, como o de Cordélia por seu pai, o Rei Lear. A

imagem de Kant, de modo muito adequado, vela por nós, na porta da Diretoria.

É preciso reconhecer, porém, as dificuldades que podem se antepor ao esforço paradoxal de viver por essa causa, mas administrativamente subordinado a um governo manifestamente hostil a ela. Contra o arbítrio vamos nos amparar na Lei, na Constituição e, no limite, no respeito inarredável à nossa missão institucional, à nossa causa comum.

Nos limites de nosso campo de ação como instituição pública, devemos subordinação aos instrumentos jurídico-administrativos pelos quais os ideais próprios à causa universitária têm de materializar-se administrativamente – bem ou mal – nas leis, estatutos e regimentos que conformam nosso dia-a-dia. Podemos e devemos fazer a crítica cotidiana desses instrumentos em busca de seu constante aperfeiçoamento. Mas o exercício da crítica não pode ser confundido com a licença para o arbítrio unilateral, e devemos obediência à norma enquanto ela tiver vigência. Nas excepcionais circunstâncias em que as normas venham a chocar-se frontalmente com os valores próprios à missão universitária (cenário que infelizmente tem-se tornado mais plausível), a universidade se verá chamada não só a posicionar-se, mas a justificar-se perante o público. Estaremos prontos, como temos estado – e a atuação de nossa Reitora tem exibido com clareza cristalina os horizontes fecundos de uma defesa eficaz de nossa instituição junto à sociedade civil e às autoridades constituídas.

Para ser sustentável no enunciado público de seus princípios, porém, esse cultivo da razão, esse zelo pelo esclarecimento tem de se manifestar não apenas no debate acadêmico implicado em nossas atividades fins de ensino,

pesquisa e extensão, mas também no dever elementar do gestor de ouvir seu quadro técnico-administrativo e respaldá-lo no cumprimento de seus deveres cotidianos. A atenção à Humanidade e ao futuro não pode negligenciar a atenção devida ao colega que trabalha na sala ao lado – seja ele o estudante aflito com suas notas, o professor torturado pelo prazo do paper ou o quadro técnico-administrativo que viabiliza a cada dia, quase invisível aos demais, a plena operação da instituição como tal. Na Fafich, tenho sido admiravelmente atendido, mesmo nesses tempos difíceis, e preciso exprimir aqui meu agradecimento mais sincero a toda a equipe pelo carinho, a atenção e toda a orientação e o apoio que tenho recebido nestes anos.

Uma nota de profunda gratidão é também devida, naturalmente, ao Orestes. Pela referência de gestão desvinculada do interesse próprio e de diligência nas decisões e nas providências, com certeza. Mas sobretudo por me abrir a porta com um convite inesperado há quase quatro anos. Sem esse empurrão talvez eu jamais tivesse dado o passo de atuar na direção da Fafich. Mas hoje, como deve estar claro, sou muito grato por ter me metido nessa encrenca.

Faço questão também de agradecer publicamente à Thais. Por tornar tão fácil e natural um processo potencialmente penoso de persuasão para o embarque nessa aventura, e retrospectivamente óbvia uma decisão que poderia facilmente se perder em dilemas quase insolúveis. Muito obrigado, Thais, desde já, pela companhia.

Por fim, quero dedicar um agradecimento especial à nossa Reitora.

Sei que para isso eu não precisaria falar por mim apenas. Em nome da comunidade universitária como um todo, eu poderia mencionar a liderança

simbólica exercida junto ao público externo e interno, na expressão cotidiana, confiante e persuasiva, dos valores que nos inspiram. Essa atuação tem alimentado, em todos nós, justificado orgulho de sua universidade, mesmo sob ataque e sabotagem sistemática pelo próprio governo que tem a responsabilidade constitucional de manter a instituição.

Em nome do mais restrito “clube” de dirigentes das unidades acadêmicas, tenho certeza de que eu poderia dar testemunho da confiança tranquila que todos depositamos em sua atuação, mesmo (e sobretudo) nesta hora de crise. Essa coesão não é gratuita, mas tem sido conquistada pela atuação impecavelmente institucional que tem guiado o reitorado da UFMG neste momento, pelas mãos da Sandra e do Alessandro. Vai ficar na história da instituição o exemplo de liderança firme e de entrega pessoal à causa da universidade nesta hora difícil.

Mas hoje eu quero fazer o meu agradecimento pessoal. Quando, há seis meses, a barra pesou, este diretor em exercício encontrou em sua Reitora o mix preciso de provisão de informação clara, balizamento institucional rigoroso e absoluto respeito às prerrogativas e deveres de cada função ao longo de todo o processo. Em horas como essas é que se cristaliza com mais clareza o compromisso de servir a uma causa – ou se desiste dela de vez.

Hoje posso dizer com tranquilidade que saímos melhores da crise. Naquelas semanas o sono ficou mais difícil, é claro. Mas esse também é o sintoma básico de que algo importante está por vir. Eu, que normalmente durmo fácil, me lembro de uma noite agitada, há quase 37 anos, em que tive muita dificuldade de conciliar o sono ante a perspectiva de, na manhã seguinte, me dirigir para o primeiro dia de aula no Ciclo Básico da UFMG, nesta mesma

Fafich, em 1983 sediada na Rua Carangola, onde vivia já há tanto tempo o personagem de Monsueto, cantado por Caetano.

Feliz pela ocasião de tentar retribuir.

Muito obrigado.